

A BATALHA

Director: JOSÉ S. SANTOS ARRANHA
Editor: CARLOS MARIA COELHO
Propriedade da CONFEDERAÇÃO
GERAL DO TRABALHO
Aderente à Associação Internacional
dos Trabalhadores
Assinaturas: Incluindo o suplemento se-
manal, Lisboa, mês 9\$50; Província, 3 me-
ses 28\$50; África Portuguesa, 6 meses
70\$00; Estrangeiro, 6 meses 110\$00.

UM CONVITE ÀS "NOVIDADES"

Uma grande ameaça se desenhava no parlamento, contra aqueles que não queriam que o povo português vá ficar dominado pela vontade omnipotente da Companhia de Jesus. Consiste essa ameaça no projecto de lei que se encontra na Câmara dos Deputados e que, a ser aprovado, restabelece, no país, a liberdade de ensino religioso. Estamos convencidos de que os únicos que constituem a maioria naquela Câmara o votarão, sem uma hesitação, de olhos fechados, conseguindo assim o seu objectivo: ser reaccionários, ao mesmo tempo que vivem de *escroqueiros* praticadas no orçamento do Estado.

Entre os deputados que apoiam tenazmente o projecto de lei que permite aos padres e às freiras, aos jesuítas e aos frades substituírem-se aos professores, é justo assinalar Cunha Leal, feito à última hora defensor encarnado do clericalismo e de todos os altos interesses da Igreja de Roma. Este político que justifica as suas frequentes desonestidades com a afirmação de que precisa dar de comer a seus filhos, trambiqueiro emérito, desacreditado por todas as pessoas que não vivem de meter as mãos nos bolsos dos outros, foi aproveitado pela Igreja, que de resto não hesita em servir-se dos piores criminosos desde que estes lhe emprestem o seu punhal e os seus maus instintos. Será ele um dos que defenderá com mais calor e com mais entusiasmo a liberdade de ensino religioso. Secundá-lo não, com os seus votos, os inferiores obsecados que vêem neste ídolo de lama uma grande figura moral e política, quasi todos os parlamentares nacionalistas e o bando de deputados do partido democrático que são ex-monárquicos e alguns ex-padres.

Sabemos que vai ser empregado pelos defensores desse monstruoso atentado contra a criança e contra todas as consciências livres, incluindo neles o refinado jesuíta Lino Neto, o argumento de que a maioria em Portugal é de católicos e que não votar a liberdade de ensino religioso equivale a ir contra a maioria da população, para favorecer a maçonaria, os livres-pensadores e os operários aderentes à C. G. T. Esse argumento, que é o maior de todos os que os reaccionários empregam para justificar a infâmia que intentam, é falso, falsíssimo. A maioria do país é in-

diferente em matéria de religião e nutre pelo clericalismo uma aversão que os factos—os factos são os crimes que o clericalismo tem cometido—justificam exuberantemente.

E de resto cabe aqui formular uma pergunta a fim de evitar equívocos perniciosos, visto que só a Igreja podem aproveitar.

Em que consiste ser católico? Será respeitar todas as prescrições da Igreja e estar de acordo nos seus actos com as doutrinas nela expandidas? Se assim é devemos já declarar que o número de católicos existentes em Portugal podem contar-se pelos dedos, visto que inquirindo deles, apenas, se respeitam os pretensos mandamentos da lei do denominado Deus nem a maioria dos padres se salvam.

Os autores que a Igreja excomulgou, proibindo aos fiéis a leitura da sua obra, por já não possuir força para a queimar, são exactamente os mais lidos e admirados. Tudo o que a Igreja proíbe é praticado pela grande maioria das pessoas que se dizem católicas.

Ser católico significa apenas ir à missa, por desfastio, de tempos a tempos? Se assim fosse reconheceríamos de boa vontade que há em Portugal um grande número de católicos. Mas esses não devem ser contados como partidários do ensino religioso que são poucos, são pouquíssimos em Portugal. E a prova está que até hoje ainda não se verificou uma única manifestação popular favorável ao restabelecimento do ensino religioso em Portugal. Até hoje ainda não se verificou uma única manifestação de interesse pelo assunto. Isto só prova, só revela que a Igreja é impopularíssima e que fora dos antros católicos, ninguém aparece a defender a monstruosidade que se prepara na Câmara dos Deputados. Damos aqui às *Novidades*, à corja negra, este esplêndido alvitre: a realização em Lisboa duma manifestação pública favorável ao ensino religioso. Faça as *Novidades* uma só — e nós declaramos o nosso arrependimento e afirmaremos solenemente que a maioria da população é pelo ensino religioso.

Porque não põem as *Novidades* em prática o nosso alvitre? Aproveitem o momento para fazer uma grande parada das suas forças — descomunais!

A OBRA DE UM ALTO COMISSARIO

Quem são os que rodeiam Azevedo Coutinho, mantendo Moçambique numa situação de terror e de miséria

Temos feito a demonstração do horrível momento que está atravessando a província de Moçambique, com as liberdades suspensas, com as prisões cheias, com os serviços desorganizados, com os cofres a saque.

Ora, havendo um responsável máximo, convém no entanto amarrar neste lugar alguns dos acólitos e inspiradores de Azevedo Coutinho, para que a todo o tempo não possam escapar-se pela malha.

Entre esses acólitos, há 4 de grande categoria oficial, que são Bartolomeu Severino, João Gomes, António Lopes e Alfredo Veiga.

O primeiro é o executor das grandes infâmias que se têm cometido. Reportar no Pórtico, com uma vida privada e pública crápula, mestre na intriga, está nublada insanoável teve artes de se guindar à Secretaria do Interior. Uma vez ali, ordenou prisões, espancamentos, assaltos nas ruas e às casas, suspensão de jornais, deportações, pondo em manobra o *vagão fantasma* em que ferroviários ordeiros e honestos são amarrados pela chuva e pelo sol, muitas vezes estalando de fome.

Como carácter é um abórito. Como mentalidade, uma vergonha. A sua grande obra prima é um suplemento ao Boletim Oficial, com uma proclamação de prosa tão incompreensível e falha de senso gramatical que, depois de afixada pelas esquinas, foi rasgada pela própria polícia.

Estúpido, até o ponto de não compreender o mínimo problema administrativo, de pedir ao administrador Bandeira de Lima que lhe ensinasse a fazer os despachos. Junto dos amigos de Moreira da Fonseca tentava intrigar para que derrubassem Azevedo Coutinho; junto de Azevedo Coutinho intrigava para que se baldeasse Moreira da Fonseca. No fundo, um medíocre, um ambicioso sem escrúpulos que lançou olhos cubíquios para a Secretaria do Fomento e depois para a do Interior, na ânsia de substituir mais tarde Azevedo Coutinho.

Depois deste — o maior responsável das violências que se têm posto em prática contra os ferroviários e pessoas que por eles têm manifestado simpatia.

rebre como os retalhos em caixote de sapateiro. Mas dispõe das cambiais. A sua ordem está o *saco sem fundo* do prémio das transferências. No dia em que ele se resolve a falar, Azevedo Coutinho vê aberta a porta duma penitenciária.

Caça em todos os terrenos. Com os livres-pensadores, é *livre-pensador*. Com os católicos, é *ultramontano*. Com os operários, inculcava-se *bolchevista*. Não sabe escrever, mas garatujá. Quando quer despejar as suas teorias nas gazetas, chama os famintos de cambiais, e dá-lhes uma códea.

O terceiro, António Lopes, é a triste sombra dum engenheiro. Meteram-lhe na mão a *reorganização-monstro* do C. F. L. Levou-a ao Conselho Executivo, como poder levar um projecto decente. Ali, chamaram-lhe imbecil, e ele sorriu, entendendo que imbecis eram afinal os autores da daquela porcaria (Ruas e Cabral). Secretário do Fomento, não agasado se mostra que poucos dele fazem caso.

Alfredo Veiga, o quarto, é homem com fama de esperto; mas não conhece a mão que o acarinhia, que o beneficia. Conta-se dele uma história de barbas, passada em Macau. É monárquico. Rodrigues Gaspar nomeou-o para um alto cargo sob informação e pedido do dr. Moreira da Fonseca. Uma vez no lugar, porque este não estava nas boas graças do então governador de Moçambique, deixou de lhe falar. Este simples facto diz tudo.

Além destas figuras de maior relevo, forma em volta de Azevedo Coutinho uma autêntica quadrilha chefiada por um tal Figueiredo Lima.

Este tem no seu activo:

Prisão e expulsão do Niassa, por entendimentos com os alemães no período das operações da grande guerra;

Expulsão do exército, onde foi sargento;

Expulsão da maçonaria, com o voto do actual titular das Colónias.

Acompanhou a camionete do «Dente de Ouro», em 19 de Outubro. E' acusado de ter enchido as algibeiras com o produto de subscrições para os famintos de Cabo Verde, de ter incendiado em Lourenço Marques uma casa, para receber o prémio do seguro; de ter armado o braço do assassino de Raúl Ferreira, na Praça 7 de Março, em 17 de Janeiro último.

Dizendo-se esquerdista, vendeu-se ao bonzo Azevedo Coutinho por 150 libras mensais, acrescidas das despesas com o

Notícia sensacional: Alves Ferreira chegou à conclusão de que não houve notas falsas, não houve nada...

Estamos convencidos de que o juiz Alves Ferreira, escolhido com tanto empenho pelo António Maria da Silva para orientar as investigações do Angola e Metrópole, possui a esperteza comensal dos venais, mas não tem a sólida inteligência dos honrados. Mas se a esperteza, com a prática da vida, dá às pessoas que a têm uma aparência de inteligentes, o certo é que não passando essa qualidade de uma aparência vã, ela estiliza-se, pulveriza-se ao primeiro embate forte.

Para aceitar a tarefa condenável e repugnante de que o incumbiram, Alves Ferreira possui venalidade que sopra, para desempenhar-se dela com inteligência e de sua apenas a esperteza, que não basta neste negócio onde só uma pessoa a um tempo venal e inteligente poderia triunfar.

Para os pequenos golpes de efeito, que iludem à primeira vista, a esperteza de Alves Ferreira era abundante, mas para moldar no seu todo, com aparente sequência lógica, com tronco, cabeça e membros, esta questão complicada do Angola e Metrópole a inteligência de Alves Ferreira é escassa.

Uma frase do dr. Francisco Menano, proferida ontem perante os jornalistas, foca bem, com admirável nitidez, o principal erro, proveniente da falta de inteligência e gerado na esperteza saloia do conselheiro investigador.

—Eu, se fosse director destes trabalhos—disse o dr. Menano—nem uma só palavra os jornalistas ouviriam acerca do Angola e Metrópole. Isto é o que lhes posso dizer. E quem não proceder como eu penso—erra.

Errou o dr. Alves Ferreira. Errou porque, demasiado esperto, querendo, com notícias tendenciosas e notas oficiais para os jornais, conduzir a opinião pública no sentido das suas conveniências, deixou entrever, indicou qual deveria ser afinal o verdadeiro caminho das investigações.

Foi mau servo para António Maria, à força de querer ser bom servo, o juiz Alves Ferreira. Hoje não há nenhum homem de bem, neste país, que não solte na face veneranda do ridículo juiz a mais estrondosa gargalhada.

Alves Ferreira, mentindo, descobriu a verdade

Comprometendo-se perante a opinião pública, o conselheiro Alves Ferreira quanto mais queria encobrir a verdade, mais a destacava. Quando afirmava a inocência do Banco de Portugal, comprometia o Banco de Portugal; quando declarava que as assinaturas dos contratos eram falsas, convencida toda a gente de que elas eram verdadeiras; quando defendia o Inocência, demolia-o; quando acusava Marang, ilibava-o.

Afinal, António Maria da Silva encarregando esse homem, pobre instrumento dócil, de mentir, prestou ao povo desejo de conhecer toda a verdade o mais útil serviço. José Bandeira, um dos arguidos, fez ontem uma declaração ao jornal *A Tarde* que, embora não viesse animada dessa intenção, confirmou plenamente a opinião que *A Batalha* tem sustentado acerca da autenticidade dos contratos.

—Eu fui o portador do contrato da emissão de notas, contrato que, escusado será dizer, considerava autêntico, para Paris, onde se realizaram todas as transacções. Depois de descoberto o caso, fui preso e posto incomunicável. Mais tarde, os magistrados apresentaram-me um contrato apreendido nos cofres do Claridge-Hotel. Declarei que esse documento não era aquele de que eu fora portador, pois que nem sequer a assinatura de Alves Reis era a mesma.

Isto que demonstra? Que a emissão se baseava em contratos absolutamente verdadeiros, como desde o início afirmamos, e que a investigação na ânsia de querer provar que os acusados eram burlões chegou ao cúmulo de inventar um contrato, de forjar um contrato falso—para afirmar que o contrato é falso.

No que deram as espertezas saloias...

Mas perguntemos nós: como poderiam os investigadores apresentar um contrato verdadeiro a José Bandeira se o contrato em questão estava nas mãos da polícia holandesa que não o largava, prontificando-se apenas a enviar fotografias do mesmo à polícia portuguesa?

Não é para admirar que José Bandeira verificasse à primeira vista que o contrato que lhe apresentavam não era o mesmo que servia de base ao negócio das notas, visto que não lhe podiam apresentar em Lisboa um documento que estava em Haia. Logo... Alves Ferreira forjou um contrato falso e com esse contrato, falsificado ou mandado falsificar por ele, filé, filé, filé, será prova que o caso das notas não passava de uma grande burla e que sendo falsas as assinaturas das pessoas de destaque que é preciso salvar, estão estas falsas.

Mas... as espertezas saloias têm sempre um fim caricato. E' que mandando fazer um contrato falso, Alves Ferreira salva as pessoas de quem não é lícito suspeitar—mas salva ao mesmo tempo Alves dos Reis, visto que também a assinatura deste para figurar no contrato forjado tem de ser falsa.

Vai ser bonito. E mais bonito será se, como declarou à *Tarde* um dos juizes auxiliares, o processo for todo documental e não testemunhal—porque se fosse só testemunhal seria preciso prender muita gente... Ora, sendo só documental o processo, embora desta maneira se evite prender muita gente, baseia-se numa mentira, e provar-se-há perante o contrato falso apresentado a José Bandeira, que está tudo, tudo absolutamente inocente, incluindo Alves dos Reis, e que afinal de contas, depois deste alarido todo, não houve emissão secreta de notas de 500 escudos, não houve plano de financiamento de Angola, não houve nada, nada, nada... Não é tolo, este Alves Ferreira...

orgão officioso. A sua gazeta teria mais acertadamente o nome de *gazeta*, pois com ela, denunciando e insinuando, tem forçado a liberdade, apontando os ferroviários que devem ser presos e deportados.

Antes de ir para Moçambique tinha-se vendido ao Grémio dos Agricultores da Zambézia. A sua consciência é um escarço engastado num monturo, razão porque vai ser irradiado da Liga dos Direitos do Homem e da Esquerda Democrática.

O lugar-tenente de Figueiredo Lima é um tal António Limpo de Lacerda, oficial miliciano que, durante o sidonismo, foi administrador do concelho de Setúbal. A sua alma sinistra deu ali largas aos seus sentimentos perversos. Em 1921 casou em Lourenço Marques com uma professora, vindo a descobrir-se, mais tarde, que era casado no Algarve.

Demitido do lugar que exercia no quadro administrativo, fugiu para Lisboa e daqui foi para Loanda, já chamado ao serviço militar. Pronunciado, porém, no tribunal de Lourenço Marques, pelo crime de bigamia, de Loanda foi preso para a capital de Moçambique. Ali, pelo frete que está fazendo a Azevedo Coutinho, alianças e tem conseguido ver adiciadas as audiências do julgamento. Apesar de tudo, porém, o novo *Landru* já conseguiu raptar, em Lourenço Marques, uma senhora casada, e teve arte de iludir uma rapariga inglesa, prometendo-lhe casamento.

À lado destes dois grilhetas, saracoteia-se um indivíduo que dá pelo nome de Manuel Boavista. E' padre. Foi missionário. Usa grandes barbas. Ainda hoje diz missa. Numa missão em que esteve, as crianças da escola fizeram greve, por que uma preta se encontrava grávida e proclamara que, quem lhe tinha feito aquela obra, fora o padre. Sobre o caso correu um processo.

Missionário transformou-se em comerciante. Fez-se sapateiro. Durante anos viveu escandalosamente amancebado. Tem filhas mulatas. Vencia sapatos na loja, passava a hóstia no altar.

Dois sócios que teve abandonaram-no, fugindo às suas habilidades.

Deu com o comércio em droga. Teve de fechar a porta, ficando a dever ao Banco Ultramarino e a um funcionário, mais de 500 contos.

Actualmente está envolvido num processo-crime, acusado de pretender falsificar os bilhetes da lotaria de Moçambique.

Tendo montado um jornal ultramarino e começado a atacar Azevedo Coutinho, virou-se a breve trecho, não só porque lhe deixaram meter as mãos no *saco sem fundo* do prémio das transferências, mas porque não lhe tendo dado o governo anterior uma

reforma ilegal,—espera agora que o «Nero de Moçambique» seja generoso.

Insulta os operários, como autêntico masmarro que é; pede para eles rigor e violências, como nos tempos de Sidónio, rouquejante e a espumar, pedia com grande alarido, deportação e força para todos os liberais.

Eis as criaturas que estão em volta do Alto Comissário Azevedo Coutinho.

Mais ninguém? Mais alguém. Além de Ruas, Cabral, o pigueiro da polícia,—há mais um grupo que recebe ordens, ao todo não mais de uma dúzia de sicários, factórios anónimos, analfabetos, dos que são capazes de uma navalhada a tróco de um cigarro, dos que não trepidam em despejar um bacamarte a uma esquina ou na praça pública, com tanto que lhe paguem a façanha.

A criaturas destas se apoia o Alto Comissário de Moçambique. São elas que formam o conselho privado de Azevedo Coutinho.

Lourenço Marques é um centro essencialmente cosmopolita. Há ali indivíduos de todas as partes do mundo, na sua quasi totalidade instruídos.

Pois bem—todos esses homens, testemunhas presenciais das violências, das tiranias, dos esbanjamentos e da incapacidade administrativa do «Nero de Moçambique», estão natural e logicamente a comunicar para os seus respectivos países o que se passa numa grande colónia de Portugal.

Todos os olhos se fitam em nós.

Só o Ministério das Colónias sonha, só o Parlamento boceja.

Desgraçada terra!

Enquanto os mineiros morrem de fome...

LONDRES, 26.—Os comités patronal e operário da indústria mineira do carvão reuniram-se ontem em separado e depois em conjunto, para apreciar as conclusões do relatório da comissão oficial de estudo à crise que a mesma indústria está atravessando.

Depois dum curto debate, os trabalhos da conferência foram adiados para quarta-feira próxima.—(L.)

Vulcão que regressa à actividade

RODES, 26.—Desta cidade observa-se que numa localidade entre Jediburn e Maeri, na Anatólia, se começaram ontem a elevar grandes jactos de fumo e de línguas vermelhas.

Supõe-se que um vulcão extinto há cinquenta anos, tenha regressado à actividade.—(L.)

Mussolini ordenou o assassinio de Matteotti e preparou a impunidade dos seus sicários

Está decorrendo o julgamento do processo Matteotti—e por esta designação se não sabe se é Matteotti ou o seu assassino que se está julgando. O tribunal funciona em Chieti, e nenhuma outra localidade existe em Itália mais recôndita, mais silenciosa e mais recatada. O seu nome—em português *quieto*—é uma expressão exacta. Chieti é uma cidade que se torna optimum refúgio para chefes e banditos, uma cidadela apartada do mundo. Contudo, quando ninguém pode sentir-se num país de fascistas.

Recordar os precedentes deste caso? Um humorista italiano apresentou o caso desta maneira: Um suposto culpado, Mussolini; um carabineiro, Mussolini; uma premeditação, Mussolini; um advogado, Mussolini. Mussolini deve ser o primeiro e o principal culpado neste processo, dirigiu, ordenou, quis o assassinato de Matteotti, como, de resto, exigiu todos os massacres que se têm cometido na Itália, desde há alguns

anos. Se Mussolini tem de ser cúmplice moral do flagelo fascista que alastra por toda a Itália, se tem uma responsabilidade moral que não o isenta das piores e mais graves responsabilidades penais no caso vulgar de jurisprudence, no processo Matteotti é verdadeiramente o homem que premedita e indica aos seus sicários o adversário que deve ser suprimido, o dia e a hora do crime ordenado.

A prova material está no anseio de Mussolini por suprimir violentamente todo o anelo de liberdade de imprensa em Itália, sempre que qualquer cúmplice ou instrumento se dispunha a fazer declarações aos jornais. Mussolini tem deixado transparecer o seu intento de estabelecer uma ditadura de ferro imposta à imprensa, em hofocasto aos seus princípios de autoridade rígida. Ora, isto não é verdade: Mussolini não tem o menor culto por princípios, nem mesmo pelos de uma autoridade rígida. A sua política tem sido de zig-zag, sem ao menos possuir o velho estilo reaccionário.

Como aplicar o «regime de ferro» à imprensa, se ela já havia sido sacrificada, após a marcha sobre Roma, aos plenos poderes a Mussolini outorgados pela Câmara? Para quê, medidas extremas, decorridos dois anos de domínio incontestado? As providências de Mussolini contra a imprensa assemelham-se à mordida que um bandido põe na boca da sua vítima, para evitar que os gritos desta alarmem a vizinhança.

Há muito tempo que Mussolini anda tomado de uma obsessão: o processo Matteotti. Não tem a coragem de afirmar o que escreveu e declarou mais tarde—quando deixou de se inquietar com a oposição burguesa—que o processo Matteotti pertence ao fascismo e que o fascismo teria o direito de abolir. Nos primeiros momentos acreditou o ditador que tudo ficaria no mistério. Se Matteotti tinha tantos inimigos...

E procurou-se nos dias seguintes fundar a versão de haver sido uma mulher a razão do crime, ou talvez mesmo o ódio dos comunistas por causa de uma viagem à Rússia.

Depois, uma anistia fez o resto. A anistia veio anular a acção judicial contra todos os delitos de participação em homicídios, cuja sanção era reduzida no código penal a três anos. Beneficiados por uma tal anistia, os principais cúmplices morais, Rossi, Filippelli e Marinelli, eram soltos, visto que lhes fora imputado o delito de *complicitate* e não o de homicídio; e os restantes, Dumini, Putato e Volpi, autores materiais do homicídio, eram também soltos porque, ao imputar-se-lhes o delito de *homicídio involuntário*, poderiam ser condenados apenas a dois ou três anos e gozarem imediatamente dum indulto. Assim se encontrou maneira de libar os autores e cúmplices de Mussolini no assassinato de Matteotti.

A absolvição virá a ser o natural remate. Dumini, Putato e Volpi são defendidos nada menos que por Farinacci, secretário do partido fascista em Chieti, sentem-se já em liberdade. Eles assistem a um julgamento que os diverte, como se fossem público.

Dirão os leitores: mas, se Mussolini concedeu uma anistia tão larga aos crimes de morte, terá beneficiado muitos autores de atentados subversivos. Em teoria é assim, não o é na prática. A anistia se referia-se aos delitos considerados políticos: ora, sabe-se muito bem que um elemento subversivo seria considerado de maneira diversa de um delinquentes comum... saindo do carcere por favor de anistia mas indo logo para um hospital.

A pesar de tudo, talvez alguma luz se faça nas audiências de Chieti. E asseguro que, se os imputados autores se encontram tranquilos (*quieti in Chieti*, como se diria em italiano), Mussolini, o verdadeiro culpado, é que não está quieto, nem *chieti*, nem tranquilo. Sabe que os mortos pesam demais em sua consciência, e não falamos da sua consciência como se duma hipótese se tratasse...

Armando BORGHI

Matteotti visto por Borgni

guns anos. Se Mussolini tem de ser cúmplice moral do flagelo fascista que alastra por toda a Itália, se tem uma responsabilidade moral que não o isenta das piores e mais graves responsabilidades penais no caso vulgar de jurisprudence, no processo Matteotti é verdadeiramente o homem que premedita e indica aos seus sicários o adversário que deve ser suprimido, o dia e a hora do crime ordenado.

A prova material está no anseio de Mussolini por suprimir violentamente todo o anelo de liberdade de imprensa em Itália, sempre que qualquer cúmplice ou instrumento se dispunha a fazer declarações aos jornais. Mussolini tem deixado transparecer o seu intento de estabelecer uma ditadura de ferro imposta à imprensa, em hofocasto aos seus princípios de autoridade rígida. Ora, isto não é verdade: Mussolini não tem o menor culto por princípios, nem mesmo pelos de uma autoridade rígida. A sua política tem sido de zig-zag, sem ao menos possuir o velho estilo reaccionário.

Como aplicar o «regime de ferro» à imprensa, se ela já havia sido sacrificada, após a marcha sobre Roma, aos plenos poderes a Mussolini outorgados pela Câmara? Para quê, medidas extremas, decorridos dois anos de domínio incontestado? As providências de Mussolini contra a imprensa assemelham-se à mordida que um bandido põe na boca da sua vítima, para evitar que os gritos desta alarmem a vizinhança.

Há muito tempo que Mussolini anda tomado de uma obsessão: o processo Matteotti. Não tem a coragem de afirmar o que escreveu e declarou mais tarde—quando deixou de se inquietar com a oposição burguesa—que o processo Matteotti pertence ao fascismo e que o fascismo teria o direito de abolir. Nos primeiros momentos acreditou o ditador que tudo ficaria no mistério. Se Matteotti tinha tantos inimigos...

E procurou-se nos dias seguintes fundar a versão de haver sido uma mulher a razão do crime, ou talvez mesmo o ódio dos comunistas por causa de uma viagem à Rússia.

Depois, uma anistia fez o resto. A anistia veio anular a acção judicial contra todos os delitos de participação em homicídios, cuja sanção era reduzida no código penal a três anos. Beneficiados por uma tal anistia, os principais cúmplices morais, Rossi, Filippelli e Marinelli, eram soltos, visto que lhes fora imputado o delito de *complicitate* e não o de homicídio; e os restantes, Dumini, Putato e Volpi, autores materiais do homicídio, eram também soltos porque, ao imputar-se-lhes o delito de *homicídio involuntário*, poderiam ser condenados apenas a dois ou três anos e gozarem imediatamente dum indulto. Assim se encontrou maneira de libar os autores e cúmplices de Mussolini no assassinato de Matteotti.

A absolvição virá a ser o natural remate. Dumini, Putato e Volpi são defendidos nada menos que por Farinacci, secretário do partido fascista em Chieti, sentem-se já em liberdade. Eles assistem a um julgamento que os diverte, como se fossem público.

Dirão os leitores: mas, se Mussolini concedeu uma anistia tão larga aos crimes de morte, terá beneficiado muitos autores de atentados subversivos. Em teoria é assim, não o é na prática. A anistia se referia-se aos delitos considerados políticos: ora, sabe-se muito bem que um elemento subversivo seria considerado de maneira diversa de um delinquentes comum... saindo do carcere por favor de anistia mas indo logo para um hospital.

A pesar de tudo, talvez alguma luz se faça nas audiências de Chieti. E asseguro que, se os imputados autores se encontram tranquilos (*quieti in Chieti*, como se diria em italiano), Mussolini, o verdadeiro culpado, é que não está quieto, nem *chieti*, nem tranquilo. Sabe que os mortos pesam demais em sua consciência, e não falamos da sua consciência como se duma hipótese se tratasse...

Armando BORGHI

Matteotti visto por Borgni

guns anos. Se Mussolini tem de ser cúmplice moral do flagelo fascista que alastra por toda a Itália, se tem uma responsabilidade moral que não o isenta das piores e mais graves responsabilidades penais no caso vulgar de jurisprudence, no processo Matteotti é verdadeiramente o homem que premedita e indica aos seus sicários o adversário que deve ser suprimido, o dia e a hora do crime ordenado.

A prova material está no anseio de Mussolini por suprimir violentamente todo o anelo de liberdade de imprensa em Itália, sempre que qualquer cúmplice ou instrumento se dispunha a fazer declarações aos jornais. Mussolini tem deixado transparecer o seu intento de estabelecer uma ditadura de ferro imposta à imprensa, em hofocasto aos seus princípios de autoridade rígida. Ora, isto não é verdade: Mussolini não tem o menor culto por princípios, nem mesmo pelos de uma autoridade rígida. A sua política tem sido de zig-zag, sem ao menos possuir o velho estilo reaccionário.

Como aplicar o «regime de ferro» à imprensa, se ela já havia sido sacrificada, após a marcha sobre Roma, aos plenos poderes a Mussolini outorgados pela Câmara? Para quê, medidas extremas, decorridos dois anos de domínio incontestado? As providências de Mussolini contra a imprensa assemelham-se à mordida que um bandido põe na boca da sua vítima, para evitar que os gritos desta alarmem a vizinhança.

Há muito tempo que Mussolini anda tomado de uma obsessão: o processo Matteotti. Não tem a coragem de afirmar o que escreveu e declarou mais tarde—quando deixou de se inquietar com a oposição burguesa—que o processo Matteotti pertence ao fascismo e que o fascismo teria o direito de abolir. Nos primeiros momentos acreditou o ditador que tudo ficaria no mistério. Se Matteotti tinha tantos inimigos...

E procurou-se nos dias seguintes fundar a versão de haver sido uma mulher a razão do crime, ou talvez mesmo o ódio dos comunistas por causa de uma viagem à Rússia.

Depois, uma anistia fez o resto. A anistia veio anular a acção judicial contra todos os delitos de participação em homicídios, cuja sanção era reduzida no código penal a três anos. Beneficiados por uma tal anistia, os principais cúmplices morais, Rossi, Filippelli e Marinelli, eram soltos, visto que lhes fora imputado o delito de *complicitate* e não o de homicídio; e os restantes, Dumini, Putato e Volpi, autores materiais do homicídio, eram também soltos porque, ao imputar-se-lhes o delito de *homicídio involuntário*, poderiam ser condenados apenas a dois ou três anos e gozarem imediatamente dum indulto. Assim se encontrou maneira de libar os autores e cúmplices de Mussolini no assassinato de Matteotti.

A absolvição virá a ser o natural remate. Dumini, Putato e Volpi são defendidos nada menos que por Farinacci, secretário do partido fascista em Chieti, sentem-se já em liberdade. Eles assistem a um julgamento que os diverte, como se fossem público.

Dirão os leitores: mas, se Mussolini concedeu uma anistia tão larga aos crimes de morte, terá beneficiado muitos autores de atentados subversivos. Em teoria é assim, não o é na prática. A anistia se referia-se aos delitos considerados políticos: ora, sabe-se muito bem que um elemento subversivo seria considerado de maneira diversa de um delinquentes comum... saindo do carcere por favor de anistia mas indo logo para um hospital.

A pesar de tudo, talvez alguma luz se faça nas audiências de Chieti. E asseguro que, se os imputados autores se encontram tranquilos (*quieti in Chieti*, como se diria em italiano), Mussolini, o verdadeiro culpado, é que não está quieto, nem *chieti*, nem tranquilo. Sabe que os mortos pesam demais em sua consciência, e não falamos da sua consciência como se duma hipótese se tratasse...

Armando BORGHI

Matteotti visto por Borgni

guns anos. Se Mussolini tem de ser cúmplice moral do flagelo fascista que alastra por toda a Itália, se tem uma responsabilidade moral que não o isenta das piores e mais graves responsabilidades penais no caso vulgar de jurisprudence, no processo Matteotti é verdadeiramente o homem que premedita e indica aos seus sicários o adversário que deve ser suprimido, o dia e a hora do crime ordenado.

A prova material está no anseio de Mussolini por suprimir violentamente todo o anelo de liberdade de imprensa em Itália, sempre que qualquer cúmplice ou instrumento se dispunha a fazer declarações aos jornais. Mussolini tem deixado transparecer o seu intento de estabelecer uma ditadura de ferro imposta à imprensa, em hofocasto aos seus princípios de autoridade rígida. Ora, isto não é verdade: Mussolini não tem o menor culto por princípios, nem mesmo pelos de uma autoridade rígida. A sua política tem sido de zig-zag, sem ao menos possuir o velho estilo reaccionário.

Como aplicar o «regime de ferro» à imprensa, se ela já havia sido sacrificada, após a marcha sobre Roma, aos plenos poderes a Mussolini outorgados pela Câmara? Para quê, medidas extremas, decorridos dois anos de domínio incontestado? As providências de Mussolini contra a imprensa assemelham-se à mordida que um bandido põe na boca da sua vítima, para evitar que os gritos desta alarmem a vizinhança.

Há muito tempo que Mussolini anda tomado de uma obsessão: o processo Matteotti. Não tem a coragem de afirmar o que escreveu e declarou mais tarde—quando deixou de se inquietar com a oposição burguesa—que o processo Matteotti pertence ao fascismo e que o fascismo teria o direito de abolir. Nos primeiros momentos acreditou o ditador que tudo ficaria no mistério. Se Matteotti tinha tantos inimigos...

E procurou-se nos dias seguintes fundar a versão de haver sido uma mulher a razão do crime, ou talvez mesmo o ódio dos comunistas por causa de uma viagem à Rússia.

Depois, uma anistia fez o resto. A anistia veio anular a acção judicial contra todos os delitos de participação em homicídios, cuja sanção era reduzida no código penal a três anos. Beneficiados por uma tal

facto de João Brandão, o saltador, ter sido administrador do concelho.

Entende que aos anormais não se pode responder com medidas anormais.

O orador faz uma interessante descrição do que entende por profilaxia do crime.

Depois afirma:

— O deputado sr. Pinheiro Torres refere-se, como países de ordem, à Itália e à Espanha, confundindo obediência à força com ordem.

O orador refere-se depois à repressão que campeia nesses dois países ao ponto de se assassinarem advogados só por bem exercerem a sua função.

— A ditadura que se pretende implantar em Portugal esconde uma transformação do regime.

O orador termina condenando o estabelecimento das ditaduras em Portugal e citando uma frase de Campos Monteiro na sala do Risco, frase que define bem algumas atitudes actuais.

Francisco Cruz, nacionalista, discorda de tanto se desperdiçar o tempo, como tem sucedido nesta questão.

Rosado da Fonseca, dos agrários, corroborando o precedente orador, declara-se muito amigo da ordem...

Vê que os actos dos legionários eram um princípio e um meio do crime de subversão social. Este crime, diz, não está previsto na legislação e por isso acha bem que para manter a ordem o governo os tenha deportado. Deseja que o julgamento se faça, mas acha o caso melindroso.

O orador diz parecer-lhe ter ouvido o deputado Alpoim afirmar que iria a defeza dos deportados.

O dr. Amâncio Alpoim, interrompendo: — Eu não disse isso!

O orador: — Mas pareceu-me...

O deputado Alpoim: — Digo-o agora: posso defendê-los e defendê-los já!

O deputado Rosado da Fonseca, termina dando conselhos ao dr. Amâncio de Alpoim sobre a forma de fazer a defesa.

Fala agora o presidente do Ministério.

António Maria diz que ao levantar-se o debate sobre os chamados presumidos delinquentes informou dos locais onde eles se encontram.

Descrevendo os crimes dos sôbditos cujos legionários, cita o de terem fabricado cédulas falsas «invertendo» uma parte delas...

Falando no operário selecciona-o, dizendo que há uma parte que muito respeita, que são os esfarrapadinhos.

O seu governo, diz, não quis pactuar com os bombistas e não se alheia das responsabilidades que lhe caibam.

Lê telegramas trocados entre o ministro das Colónias e o governador da Guiné sobre o despacho de pronúncia dos legionários, querendo convencer que o seu governo foi muito humano.

António Maria, dizendo-se amigo dos operários para os quais tem promulgado leis de protecção, continua a falar mas de forma ininteligível, numa amalgama de dr. João Camoesas, de miséria, de crianças, de grupos, de homens que vivem à custa de operários, etc., etc.

E a fechar tem esta frase:

— Eles não podem ser julgados em qualquer parte!

Fala agora o dr. José Domingues dos Santos. O seu discurso é curto mas escaldante.

Para ele um homem não condenado é apenas um suposto delinquent. Não lhe importa o grande ou pequeno cadastro para o delito em causa, visto que para qualquer juiz só tem valor o cadastro judicial. E os cadastros são quasi todos forjados pela polícia.

Com muita eloquência, dirigindo-se a toda a Câmara:

— Têm v. ex.ªs todos a certeza de que esses homens pertencem à Legião Vermelha?

— Tiro à sorte um homem: Bernardino Santos. Esse homem é legionário?

— Ele é funcionário público na Assistência com comportamento exemplar.

A uma interrupção do presidente do ministério:

— Se quando o governo se alojou encontrou esses homens deportados, devia tê-los feito regressar à metrópole e julgá-los.

— Por mim posso garantir que enquanto fui presidente do ministério esses homens não estiveram ao meu serviço. Não quero apreciar se estiveram ou não ao serviço de outros governos.

O orador, prosseguindo, denuncia à Câmara que a moção de Paiva Gomes, no intuito que houve na mesa da presidência, foi alterada na sua primitiva redacção, pois lhe subtrahiram a palavra metrópole, o que dá a entender que se pretende fazer os julgamentos nas Colónias.

O presidente do ministério interrompendo:

— O Conselho Superior Judiciário não tem capacidade para julgar nas Colónias.

O orador, continuando, deduz que então se pretende julgar os deportados nas ilhas o que é contra todos os direitos humanos e um atentado contra o direito de defesa dos acusados.

E termina assim:

— Já que piedade não posso pedir aos homens da minha terra porque a não têm, peço justiça, faça-se justiça sr. presidente!

Paiva Gomes dá explicações sobre o motivo da alteração da sua moção de ordem, confirmando as suspeitas do chefe esquadrista.

Vão ser votadas as moções. Na presidência é lida a do dr. Paiva Gomes, que é aprovada.

A seguir é também aprovada a moção Cunha Leal e rejeitada a de Pedro Pita.

Na mesa faz-se a leitura da moção José Domingues dos Santos que tira aos governos a faculdade de fazer futuras deportações e faz entrar em discussão imediata o projecto de lei do *habeas corpus*.

A requerimento de Paiva Gomes a moção é subdividida em duas partes. Posta a primeira à votação é rejeitada.

O dr. José Domingues dos Santos, exclama:

— Está rasgada a Constituição!

A requerimento do dr. Amâncio de Alpoim é feita a contra prova, confirmando-se a rejeição por 66 votos contra 6.

Entre a minoria monarchica e os esquadristas trocam-se apertes violentos, ouvindo-se de entre eles, o sr. Carvalho da Silva, dirigindo-se para o chefe esquadrista:

— Quando foi presidente do ministério, respeitou a constituição?

Responde o dr. José Domingues dos Santos:

— Tanto que até lhes garanti a liberdade de gizerem asneiras.

Como Filomeno da Câmara tinha aprovado a 1.ª parte da moção, o dr. José Domingues dos Santos, muito irónico:

— Ora aí está o homem que queria ser ditador também aprovou a moção.

Posta à votação a 2.ª parte da moção

Contra o fascismo

Uma conferência em Évora

EVORA, 24.—A União dos Sindicatos Operários, aproveitando a passagem por esta cidade do camarada Manuel Joaquim de Sousa, promoveu na sua sede uma conferência contra o fascismo, que aquele camarada realizou na noite de segunda-feira.

Ante enorme concorrência, o camarada Manuel Joaquim de Sousa expôs as origens do fascismo na Itália, filiando esse acontecimento na indiferença dos democratas, quando não na sua subserviência perante todos os transfugas das ideias sociais, que audaciosamente se tornaram os mais acérrimos inimigos das ideias e da acção emancipadora do proletariado revolucionário, em nome dum nacionalismo reaccionário e imperialista, ao qual se acolheram todos os seus inimigos por terem a sua acção conscientemente demolidora.

Faz um rápido esboço histórico para demonstrar que o fascismo não é senão a repercussão de fenómenos que através dos séculos desviaram o curso evolutivo da humanidade, retendo-a no seu aperfeiçoamento civilizador pela supressão de todo o espírito de expansão libertária.

O fascismo, manifestando-se com aspectos diferentes em relação a cada país, pode não ser integralmente estabelecido em Portugal, mas é indubitável que a tendência reaccionária é cultivada subtilmente nas escolas superiores e técnicas e especialmente pela catequese popular à qual os interessados fideis à Igreja dedicam especial atenção.

Um golpe de Estado político pode dar o poder às forças mais ou menos fascistas e contra os maneios condutores àquele fim terá todo o povo que opor-se rude e enérgicamente.

Mas essa oposição não só nesse sentido deve ser manifestada. Ela deve alargar-se e exercer-se em todos os sentidos, contra todas as manifestações retrogradantes onde e como quer que se manifestem.

Os homens que neste momento se salientam contra o fascismo, fazem-no dentro de certos limites, com certas restrições. E se bem que o proletariado deva dar corpo e alma às manifestações anti-fascistas, pertam de onde partirem e sejam quais forem os seus promotores, melhor será que essas manifestações se repercutam continuamente em todas as direcções e sem os entraves que delimitam moralmente um protesto e uma oposição destinada a defender integralmente o espírito de liberdade, portador de todas as inovações sociais progressivas.

O conferente, que ilustrou a sua palestra com vários factos e citações, terminou a sua dissertação ao cabo de hora e meia.—E.

Uma grande sessão de propaganda em Cascais

Realiza-se na próxima segunda-feira uma sessão de propaganda anti-fascista, em que usará da palavra os seguintes oradores:

Dr. Rodrigues Miguéis, pela comissão anti-fascista; Manuel Joaquim de Sousa, pela C. G. T.; Artur Aleixo, da C. S. T.; Virgílio de Sousa, pela comissão de agitação da C. G. T., e Mário Domingues.

Acaba de ser distribuído um vibrante manifesto, convidando o povo do concelho a comparecer a esta sessão, que deve revestir grande importância.

A sessão, realiza-se no Sindicato da Construção Civil, à rua das Flores.

A reforma dos mineiros franceses

PARIS, 26.—O sr. Durrfour apresentou um projecto de lei elevando a 2500 e 3000 francos, a importância da reforma dos operários mineiros, com mais de 30 anos de serviço.

TEATROS, MÚSICA E CINEMAS

O 2.º concerto Gui em São Carlos

E' amanhã à noite que se realiza no teatro de São Carlos, o segundo concerto do eminente maestro Vittorio Gui, com um programa absolutamente novo em que figuram] várias obras-primas musicais, dos mais consagrados autores.

«A Dança da Meia-Noite»

E' hoje que esta peça, dividida em quatro actos pelo seu autor, Charles Meré, dá a sua primeira recita no teatro Nacional.

«Danza da Meia-Noite», ainda recentemente representada em Paris com grande sucesso, foi aclamada pela própria critica que disse ser uma obra notável.

Estes Leão apresentará na protagonista lindas «toilettes»; António Pinheiro, tem a seu cargo o principal papel masculino; Otelo de Carvalho faz um curioso jornalista «detective» e Ribeiro Lopes, Rajanto, Alice Oganda e Isilda de Vasconcelos tem também papeis de destaque. Os quatro actos serão enquadados por scenários de belo efeito scenico, desenhados por Augusto Pina, Oliveira, Magalhães e Calderon. A encenação não deve desmentir os créditos de há muito firmados do mestre António Pinheiro.

Festas artísticas

E' hoje que se realiza no Teatro Salão Foz a festa artística do actor Holbeche Bastos com um programa colossal. Além dos artistas que formam o actual elenco do Foz o programa desta noite tem a cooperação dos artistas Zulmira Miranda, Maria Laura, Amélia Figueirôa, Rosalina Saial, Fernandinha do Nascimento, Maria Pestana, Henrique Alves, Otelo de Carvalho, Augusto Costa (Costinha), Aurélio Ribeiro, Alfredo Silva, Reginaldo Duarte, Armando Nascimento, Casimiro Rodrigues, Alberto Miranda, Peixinho Junior e António Rosa.

Um dos grandes atractivos do programa é a representação, só nesta noite, do engrandecido quadro «Esquadra de Polícia Feminina» da revista «Pom-Pom», e a estreia da coupletista espanhola Carmencita Alvez.

E' depois de amanhã segunda-feira, que se realiza, no Maria Vitória, a festa artística da actriz Lina Demoel, apresentando as duas sessões atraentíssimas novidades.

— Está fixada para quarta-feira, 7, no Ginásio, a recita do camaroteiro do teatro, que há anos não realiza a sua festa. A peça escolhida é a mais apreciada de quantas inclue no seu repertório a companhia. Nessa noite os amigos de Pereira Botelho não faltarão no Ginásio, a felicidade-lo.

Reclames

Prosegue hoje na sua carreira a revista «Foot-Ball», o que equivale a poder garantir-se, antecipadamente, que o teatro Maria Vitória contará mais duas enchenções.

«Foot-Ball» é a peça querida do público, uma revista incomparável, que ele não se cansa de ver, e que lhe apresenta, sempre, novos elementos de atracção.

— Entre as peças declamadas há muito que não se registrava um êxito tão grandioso e prolongado como o que continua tendo, no Ginásio, a comédia «Banca à Glória». A galante comédia atrai, todas as noites, ao lindo teatro, uma numerosíssima concorrência. O Ginásio encontrou na «Banca à Glória» uma peça admirável, que ninguém de bom gosto deve deixar de ir ver.

— A emocionante peça baseada na vida de Jesus, que Eduardo Garrido imaginou, e escreveu em belos versos,—a mesma peça que, há anos, atraiu ao Apolo, numerosíssima concorrência, mantendo-se por largo tempo, no cartaz, reapareceu ontem no referido teatro, voltando a enchê-lo. Rafael Marques reviu o papel de protagonista, que criou em Lisboa e que mereceu da sua interpretação e correctíssima caracterização, fez com o seu esplêndido trabalho lhe conquistasse os mais unânimes e rasgados elogios. Nos outros papeis Alda Verdial simbolizando a Virgem, Irene Gomes a Magdalena, Carlos de Abreu no Judas, Abílio Alves no Pilatos, Calazans no Pedro, Aurélio Ribeiro e Lino Ribeiro no Anea e Calafis, sem exceptuar muitos outros dos numerosos que entram na peça, todos eles se esmeram para que o conjunto seja perfeito, merecendo, também, louvores, a movimentada e escrupulosa encenação de Rafael Marques.

—Hoje no Chitado Terrace, 2.ª exhibição dos magníficos films, «O homem dos nervos da ago», 8 partes de aventuras; «Contra a lei humana», 6 partes e «Billy tem macaca», 2 partes.

Segunda-feira, 29, a pedido «O milagre dos lobos»; semana santa «A vida de Cristo».

Realiza-se hoje no Coliseu dos Recreios a festa artística dos apreciados clowns Rico e Alex, aqueles que o nosso público mais se tem habituado a admirar pela sua graça inconfundível e pela sua notável consciência artística. Rico e Alex reservam para esta noite muitas surpresas, apresentando os seus melhores trabalhos, o que faz prever um espectáculo delicioso de bom humor e de alegria.

A revolta dos drusos

BEYROUT, 26.—No sudoeste de Damasco, as tropas francesas contra-atacaram victoriosamente, pondo em debandada todos os contingentes drusos que se encontravam na região. Os rebeldes abandonaram mais de 100 mortos, e as tropas francesas occuparam Neekl.

Instituto Policlínico da Estefânia

Largo de D. Estefânia, 6, 1.º—Telef. N. 3435

Medicina geral. — Cirurgia. — Clínica de especialidades

Corpo clínico—Doutores:

A. de Almeida Rocha—Clínica geral—às 14 horas.

António de Carvalho—Sifilis—às 11 h.

Berta de Moraes—Doenças das senhoras—às 12 h.

Carlos Guerra—Clínica médica, doenças de coração e pulmões—às 18 h.

Domingos Dias—Doenças da boca e dentes. Protese—às 10 h.

Fernando Wadington—Raio X.

Heitor da Fonseca—Clínica médica, doenças do estomago, intestino e fígado—às 12 h.

J. Pais Laranjeira—Doenças dos rins e vias urinárias—às 11 h.

José Salazar Carreira—Doenças das crianças, ortopedia, ginecologia e massagem médica—às 10 h.

Pedro Roberto Chaves—Análises clínicas.

Teodomiro Almeida de Carvalho—Cirurgia, operações—às 16 h.

Fraternidade mutualista...

A Associação de Socorros Mútuos Aliança, com sede na rua da Cruz dos Poiais, 33, 1.ª, linha convocada para ontem uma assembleia geral para tratar do aumento da cota.

A admissão de sócios nessa assembleia, que era feita mediante a apresentação do cartão de identidade, deu motivo a um conflito que podia ter sérias consequências.

Segundo uma das testemunhas oculares o caso passou-se da seguinte maneira: numa sala contigua à da assembleia um grupo de cobradores e mais funcionários daquela colectividade exigiam em termos grosseiros aos sócios que entravam o cartão de identidade. Em virtude da arrogância daqueles funcionários houve protestos da parte dos sócios. Os cobradores, que propostadamente provocavam um conflito com o fim de na referida assembleia só tomarem assento aqueles indivíduos que lhes conviessem, não estiveram com meias medidas: sacaram dos grossos bengalões de que estavam munidos e desencaram os protestantes.

Como fôsse pouco o que deixamos dito, um dos membros da direcção dirigiu-se à esquadra do Caminho Novo e requisitou policia. Esta não se fez esperar, e a assembleia geral, que a custo já se tinha reunido, foi dissolvida pelos civis sem que tal o justificasse.

A' nossa redacção, alem da pessoa que nos forneceu estes informes veio também o nosso camarada João Rodrigues Matias, marceneiro, queixar-se contra o facto de um dos porteiros do Montepio Aliança o ter agredido no rosto com uma bengala, agressão de que conserva uma larga equimose.

Um grande incêndio na Rússia

MOSCOW, 26.—Um violento incêndio destruiu 800 herdades no distrito de Sujik, tendo perecido 90 camponeses.

Reina a paz... na China

PEQUIM, 26.—Todas as comunicações ferroviárias entre Pequim e Tien-Tsin continuam interrompidas, estando a população muito alarmada com as notícias de que quatro exércitos se aproximam da cidade.

Um contingente de cavalaria americana foi enviado para Tungchow, nos arredores de Pequim, onde se encontra uma missão americana e em virtude de naquele distrito se estarem concentrando e reorganizando as forças dispersas do vencido exército do general Feng.—(L.).

As Associações Mutualistas e o aumento das cotas

AVISO MUITO IMPORTANTE

As Direcções das Associações de Socorros Mútuos Aliança, «Monte-Pio Aliança», «Anova Aliança», «Universal» e «Onze de Dezembro», tendo lido ontem neste jornal um aviso aos sócios destas colectividades onde se fazem falsas acusações e incitando os sócios a comparecerem nas assembleias gerais para evitar a aprovação de aumento de cota, vêm declarar o seguinte:

1.º—O signatário daquele aviso é um ex-funcionário da secretaria destas colectividades, despedido no ano findo em virtude da sua conduta bastante repreensível e, portanto, um despedido.

2.º—A administração destas colectividades tem sido feita com tanto zelo e escrupulo que, tendo sido feito um largo inquérito à sua vida administrativa em princípios do ano findo, as conclusões do relatório desse inquérito não podem ser mais honrosas para todos aqueles que as têm administrado desde 1920.

3.º—O aumento de cota que as Direcções pedem nas suas propostas é destinado à angariação de receitas para ser criada uma sala de operações, enfermarias para operações, clínicas de especialidades, etc.

Lisboa, 27 de Março de 1926.

Inquilinato

Consultas gratuitas sobre inquilinato, às terças e quintas-feiras, das 11 às 12 horas; aos sábados, das 17 às 18 horas.

Encarregado de depósitos na Caixa Geral, cobranças de rendas e todas as questões que lhe digam respeito, o escritório de *Albino e Procarador* na Rua do Carmo, n.º 43, 3.º, frente.

ESPERANTO

Nova Vojo (*Sociedade Esperantista Operária*).—Reúne-se antontem a Comissão Administrativa, a qual, apreciando o estado actual da cobrança, resolveu apelar para todos os sócios, a fim de estes satisfazerem os seus débitos, e convocar o cobrador para se verificar o estado da sua cobrança. Resolveu ainda que o Curso Prático comece a funcionar na sexta feira da semana próxima, lembrando-se a todos os antigos alunos que se torna necessária a sua comparecência.

Por último acordou-se na abertura dum novo curso elemental, a qual se fará nos fins de Abril, realizando-se para o efeito uma sessão pública de propaganda num sindicato operário. Dentro em breve vão ser fornecidos aos sócios para leitura em casa os volumes que compõem a biblioteca desta Sociedade.

'A Batalha' na provincia e arredores

Vila Nova de Gaia

A crise de trabalho

VILA NOVA DE GAIA, 25.—Cada vez tem maior incremento o número dos sem trabalho.

As fábricas funcionam com um número reduzido de operários.

Além da crise mais se acentua e nas indústrias da Construção Civil, da tanatoria e corticeira. A crise na primeira poderia ser atenuada, se a Câmara Municipal tivesse mais consideração pelos que trabalham.

Na vila está tudo por fazer; não há mercados fontanários bastantes que cheguem para as necessidades da população; os estrados encontram-se em péssimas condições e a falta de habitações faz-se sentir bastante.

E' que os vereadores só se lembram do povo por ocasião de eleições; depois de se elevarem ao pedestal camarário, não mais se recordam daquilo que prometeram.

A crise na indústria de tanatoria poderia ser atenuada se os governantes tivessem olhado com atenção para a situação em que se encontra a classe de tanoeiros; mas, e sempre assim, quando se trata de melhorar a situação dos trabalhadores os governos fazem os olhos cegos e os ouvidos surdos.

Se fôsse proibida a reimportação de cascaria de torna-viagem, a crise na indústria de tanoeiros acabava.

Esta medida além de vir beneficiar a classe industrial e operária, vinha trazer alguns lucros ao Estado.

Mas acima de tudo estão os interesses dos exportadores portugueses...

Ainda serão capazes de nos processar por dizermos que Portugal é uma colónia inglesa, como o fizeram ao nosso camarada Joaquim do Carmo?

A crise na indústria corticeira é motivada pela inconsciência e pelo espírito egoísta dos industriais.

A maior parte deles só têm em atenção o ganhar muito e nada mais...

Um pasquim que ataca a classe telégrafo-postal

Os leitores já conhecem, pelo que temos referido, o jaez da célebre «Luz do Operário», jornal que se rotula de socialista...

A «Luz do Operário» é escrita num tom grosseiro e à falta de assunto tudo serve para encher as suas quatro páginas.

Desde a apologia de bambuchas religiosas, até à defesa acérrima dos senhores...

Não admira que isto assim seja, pois que o seu director é capaz de tudo para agradar aos colegas «forças vivas».

Para que os leitores fiquem a conhecer melhor o que pode ser tal jornal, basta recordarem-se das proezas do seu director, que quando da greve dos mineiros de São Pedro da Cova se uniu ao padre que predominava naquela localidade, para fazer render os heróicos grevistas.

E' um socialista deste jaez que vem de atacar a classe telégrafo-postal acusando alguns distribuidores de não fazerem o serviço nas devidas condições.

Nós podemos testemunhar que tais acusações são completamente falsas.

No seio da classe telégrafo-postal da estação de Vila Nova de Gaia lava grande indignação pelas acusações feitas no pasquim acima citado.

Revolvente

Há tempos Clara Alves da Silva, do Candal, foi vítima de uma agressão bárbara.

O agressor foi Artur Soares de Almeida, que aquela hora, o que é bastante interessante, vinha da missa, naturalmente de pedir perdão à Virgem Santíssima... dos seus pecados, que de facto são muitos...

O motivo, ou o pretexto da agressão, foi o facto de Clara Alves da Silva manter relações com o pai de Artur Soares de Almeida.

Este, que segundo o vulgo é pederasta, queria naturalmente que o pai, que é viúvo, o fôsse também...

A agressão foi de facto bárbara; mas o que nos vem revoltar ainda mais, é o facto de o pederasta Artur Soares de Almeida querer expulsar da casa onde habita a mãe de Clara Alves da Silva, como se a pobre mulher tivesse culpa do que se passou.

Aqui está um homem que dignifica a religião...

Fronteira

FRONTEIRA, 25.—Há tempos, foi chamada ao tribunal Julia Guerra Gomes, de 19 anos de idade, a fim de esclarecer o caso judicial em que andava envolvido um rapaz que tivera amores com ela. Acontece que os pais desta rapariga haviam já accedido ao casamento da Julia com o seu antigo namorado, José Carlos, também de 19 anos de idade, tendo o processo ficado sem efeito. A Julia Gomes teve um filho desta união e sua vida decorria normalmente. Ultimamente, porém, a Julia foi intimada a comparecer no tribunal, o que fez, indo acompanhada de duas amigas e levando a criança. Os médicos, drs. Pires e Almeida, pretendiam examinar a Julia, a pretexto de que duvidavam da sua maternidade. A Julia afirmou-se categoricamente mãe e recusou-se a qualquer exame. Então os médicos agrediram-na violentamente, expulsando-a depois sob os mais baixos insultos. Tão extranho procedimento tem indignado a população desta localidade.—C.

Em Monchique

Um explorador

Há dias, com este título e nesta secção, referiu-se *A Batalha* ao facto de, em Monchique, um mestre de pedreiros de nome António Joaquim da Avó exercer sobre os operários que trabalham sob a sua dependência a maior das explorações. Nessa local aludia-se também às qualidades morais nada recomendáveis do indivíduo em questão.

Pessoa que nos merece muita consideração e que bem conhece o meio monchiquense procurou-nos a pedir-nos que façamos inteira justiça ao visado nessa noticia, tornando público que António Joaquim da Avó, muito longe de ser uma criatura impecável, actua quasi sempre sob a influência do meio em que vive, meio intriguista, deletério e acanhado onde raramente a sanidade espiritual frutifica. Essa pessoa garantiu-nos que o alvejado, a par das taras que o meio lhe facultou, tem no entanto a contrabalança-lo um pouco, uma serie de predicamentos morais muito atendi-veis.

Oxalá que, de futuro, a criatura que es-

TEATRO AVENIDA

O SENSACIONAL PAO DE LÓ

AGREMIACÕES VARIAS

Funcionários do Município.—Todos os membros dos corpos gerentes do Grémio dos Funcionários do Município de Lisboa reúnem hoje, pelas 21 horas, na sua sede rua da Madalena, 225-1.ª, a fim de apreciarem as reclamações presentes a este Grémio até à data, e referentes à organização dos serviços municipais aprovada em 14 de Março de 1923, actualmente em execução, e para tratar de mais assuntos de interesse colectivo.

TIVOLI

Telef. N. 5474
A/S 8 314
PENULTIMA EXIBIÇÃO
UMA REVISTA MUNDIAL
UM DOCUMENTARIO DE ARTE
DUAS CINE-FARÇAS

MARY PICKFORD

A mais célebre das estrelas americanas numa das suas melhores produções

O PEQUENO LORD

Neste «film» a notável «star» desempenha dois papeis, sendo um em travessão

O Pequeno Lord começa a exhibir-se às 21.40 h.

Amanhã — «Matinée» às 3 horas

Na próxima segunda-feira
Joana D'Arc

Uma crise financeira pacifista

OELLO, 26.—O parlamento da Noruega aprovou os créditos para o exército, os quais foram muito reduzidos. Um terço dos recrutados vão ser isentos do serviço militar no ano corrente, em virtude de se agravar a situação financeira.

TEATRO NACIONAL

HOJE

Primeira representação do drama de Charles Meré

Danza da Meia Noite

Tradução de José Sarmento

HOJE

HOJE

OS QUE MORREM

José Luis Granada

Faleceu em Sintra, José Luis Granada, «chauffeur», muito conceituado naquela vila. O seu funeral realiza-se hoje, às 17 horas, saindo da rua João de Deus.

Coliseu dos Recreios

HOJE às 21 horas HOJE
PENULTIMODIA

Grande Companhia de Circo

Festa artística dos incomparáveis «clowns»

Rico e Alex

Sensacional espectáculo com as mais assombrosas atracções

NOITE DE ARTE E DE ALEGRIA

Amanhã—Grandiosa matinee

calpeisámos aqui, consiga resistir contra o ruim meio que a cêrca e aos seus actos só tenhamos que nos referir elogiando-os.—(N. da R.)

Fanhões

Manobras dos reaccionários

FANHÕES, 24.—Nesta localidade existe uma filarmónica que se intitula sociedade 3 de Janeiro, composta de liberais, livre-pensadores e operários, e uma outra sob a designação de sociedade de Recreio Fanhõesense, esta formada e subsidiada por reaccionários.

São os reaccionários que, visando fins jesuíticos, andam agora procurando fusionar as duas filarmónicas, tendo-se feito várias reuniões conjuntas de sócios de ambas as colectividades, a pretexto de melhoramentos. Apareceu numa dessas reuniões o vogal da Fanhõesense, Vaz Simões, a propor que as duas filarmónicas unidas participassem tanto em festas civicas como religiosas, ampliando esta proposta um outro filarmónico reaccionário com o critério de ser castigado com expulsão o que se recusasse a acompanhar a sua filarmónica em qualquer festa religiosa. O que os reaccionários pretendem é a dissolução da filarmónica 31 de Janeiro, que uma vez tomou parte na recepção hostile feita ao cônego Anagnim, que aqui vierá de visita. Dissolvida a filarmónica e dispersos os seus elementos activos e cooperadores, ficariam só os seus preparativos da procissão que pretendem efectuar desde que um padre, que aqui existia sem fazer nada, foi expulso pelos liberais em 1912.—C.

que de Guise é belo, valente, amável. Apenas dezoito anos, é natural que a começar por mim mesma—se enamore.



Relações internacionais

Tese a apresentar ao II Congresso das Juventudes Sindicalistas pelo Comité Federal

A organização defensiva

Ante o quadro que não procuramos tornar negro, mas cuja realidade nos não deve fazer sorrir—como sorriram os nossos irmãos italianos nas vésperas de vitória fascista—o proletariado europeu toma posições. Os alemães têm as suas centúrias organizadas; a ideia é velha: as primeiras centúrias foram criadas por Servius Tullius, 6.º rei de Roma, 578 antes de Cristo. Mas da oportunidade daquela organização são testemunhos as manifestações no Ruhr, pelo 1.º de Maio, protegidas pelas centúrias proletárias. Em França, quando do enterro de Plateau, em Paris, as redacções dos jornais revolucionários constituíram milícias, que aguardavam o assalto dos «camelots»; esta organização, porém, foi provisória: logo que a ameaça se evaporou, as milícias sumiram-se. E fica por aqui toda a acção anti-fascista desenvolvida até à data.

Relações internacionais juvenis

As relações entre centrais juvenis são deficientes. O secretariado internacional da F. J. S. teve bastante dificuldade em manter-se em constantes relações por exemplo com a organização francesa, em virtude da sua constituição por federações regionais e instabilidade do comité de relações e com a Holanda e Alemanha em virtude do idioma.

Desta deficiência resulta um mútuo desconhecimento de objectivos e, o que reputamos mais grave, a impossibilidade de conhecer as acções empreendidas e defendê-las nos respectivos países.

Mas, admitindo que os Secretariados das Relações Internacionais estivessem irrepreensivelmente montados—o que é quase impossível com organismos de constante acção—vejamos o desperdício de energias que resultaria do seu funcionamento. Os acontecimentos mundiais—até os mais insignificantes detalhes—interessam as organizações e as camaradas de todo o mundo. As informações de Central para Central atingiram um limitado raio; em compensação, se as informações fossem transmitidas a um secretariado único sobre quem impendessem o dever de as relatar a todos os organismos o proveito seria infindávelmente absoluto. Os secretariados internacionais das centrais ficaram somente com a obrigação de estarem em comunicação com a Internacional, não havendo uma tão grande despesa de expediente, selos e possibilidades de extravio da correspondência.

Montado, pois, o organismo de relações, teríamos variadíssimos problemas a solucionar. Não vamos aqui esmiuçar todos esses problemas, demais surgindo eles diariamente de neste caminhar constante para o choque definitivo das forças antagónicas. Contudo, em síntese, apresentaremos os seguintes que merecem a atenção dos jovens de todo o mundo.

a) Condições do trabalho

Interessa-nos a defesa do aprendizado, não só para interessá-lo na organização juvenil e sindical como, e muito principalmente, para garantir o desenvolvimento físico e intelectual da mocidade. De sorte que nos cumpre investigar as condições de trabalho, horários, e da juventude trabalhadora de todos os países de modo a conseguir um regime humano para os nossos camaradas de todo o mundo. Dum melhor regime sairá uma mocidade mais sã e, logo, mais disposta aos trabalhos intelectuais e a consequente elevação da sua dignidade pessoal e profissional.

Dos inquéritos levados a efeito pelo organismo internacional da mocidade será dado imediato conhecimento à Associação Internacional dos Trabalhadores, que o recomendará ao estudo e acção das organizações sindicais de todos os países. Deste modo, a solidariedade que deve, no interesse mútuo, existir entre os organismos nacionais prolongar-se há nas Internacionais e revigorará a acção revolucionária.

b) Anti-militarismo

Convém estabelecer uma sólida ligação com a Internacional Anti-militarista. As organizações juvenis, mais do que a quaisquer outras, cumpre desenvolver a propaganda anti-incorporacionista nas datas oportunas e esclarecer, por todos os meios, a mocidade laboriosa. A ameaça dum guerra deve corresponder uma activíssima acção anti-guerrista, desmascarando os intuitos mercantilistas ou imperialistas dos defensores da guerra. E, visto a ameaça estar latente, deve ser constante a acção anti-militarista evitando-se desagradáveis surpresas. De todos os casos de revolta, de deserção em massa, de desobediência pode ser dado conhecimento à organização mundial, a fim-da imprensa juvenil espalhar as informações e estimular a acção nacional. Este trabalho é, em nossa opinião, de capital importância e a sua organização deve ser constantemente aperfeiçoada e ampliada até se conseguir a efectivação dum forte agitação internacional.

c) Excursões

Compreende-se, neste capítulo, a organização de excursões internacionais. Por motivos diversos, as excursões internacionais só podem efectuar-se com limitado número de camaradas. Entre nós, demais existindo em organização a Juventude Sindicalista de Espanha, poderíamos organizar excursões ao país vizinho.

d) Sport

A Internacional Juvenil deve orientar as organizações de todos os países, divulgando os processos de cultura física dos países mais adiantados e procurando semeá-los nos restantes países. A opinião das juventudes portuguesas acerca do Sport já foi definida no I Congresso. Basta que, internacionalmente, se ponham em execução os pontos adoptados e se procure, a par do desenvolvimento intelectual da juventude,

revigorar a mocidade mundial, afastando-a da corrupção da «jeunesse dorée» e tornando-a apta a suportar a luta encarniçada pelo futuro.

e) As mulheres

Fácil é interessar as mulheres pelas doutrinas emancipadoras. Basta que se abandonem os velhos métodos de imposição e se procure demonstrar-lhes, com grande cópia de argumentos, as intenções que nos impulsionam. Além disso, arrancando a mulher do extenuante trabalho dos cuidados caseiros, fazendo a máxima propaganda dos processos mecânicos que substituem, em variados casos, o braço humano, nós elevaremos a sua moral, permitindo-lhe sem descuidar os seus trabalhos, interessar-se pela questão social. Queremos a mulher emancipada de todas as tutelas, pensando livremente, para que, no futuro, ela seja a mãe experiente que encaminhe, com segurança, os passos dos seus filhos. A Internacional Juvenil deverá agir em conformidade com estes pontos e procurar relacionar-se com as organizações feministas avançadas, apoiando-lhes as pretensões justas e recomendando a sua propaganda às suas aderentes.

O idioma internacional

O bom funcionamento dum internacional depende, principalmente, do uso dum idioma internacional. O facto das internacionais existentes usarem o francês obriga as camaradas das pequenas nacionalidades: Tcheco-Slováquia, Finlândia, Noruega, Suécia, Ucrânia, Portugal, Turquia, etc., a estudarem o francês, pelo menos; ora exigindo este estudo um grande dispêndio de tempo e não sendo esse idioma, pela sua construção, acessível a todos os que precisam corresponder-se com todo o mundo; e, atendendo à larga divulgação e construção racional do Esperanto—nos chamamos a vossa atenção sobre o emprego deste idioma e, dado as simpatias que ele conta entre os revolucionários mundiais, esperamos facilmente conseguir a sua geral adopção. Conseguido este «desideratum», e divulgadas nas nossas fileiras o Esperanto, estamos convictos que a aproximação dos camaradas de todo o mundo se efectuará pouco a pouco. Depois, a literatura revolucionária, em Esperanto, aumentará, o número dos leitores das gazetas revolucionárias internacionais alargar-se há e o conhecimento mútuo dos costumes, usos e movimento social de cada país permitirá criar uma real mentalidade internacionalista, não só baseada no sentimento internacionalista de cada camarada, mas no intercâmbio de ideias e de esforços.

(Continua.)

Em auxílio de «A Batalha»

Para ser vendido pelo maior lance em benefício do nosso jornal, oferecemos um dedicado camarada uma colecção da revista *Terra Livre*, que estamos certos, irá ser disputada pelos coleccionadores das boas obras revolucionárias.

O nosso camarada Costa Júnior oferece-nos 15 escudos. Aguardamos maior oferta.

Quem perdeu?

Na Repartição dos Jardins e Cemitérios, instalada no edifício da Câmara Municipal, encontram-se depositados um fio de ouro e uma aliança do mesmo metal achadas no jardim da Estrela, e uma mala de senhora com dinheiro encontrada no Parque Eduardo VII. Estes objectos serão entregues a quem provar pertencer-lhes.

SOCIEDADES DE RECREIO

Grupo Desportivo do Bairro de Inglaterra—Realiza-se hoje, na sede desta colectividade, rua Poeta Milton, 28, uma recita de homenagem ao amador Alfredo Mota, subindo à cena o drama em 3 actos «O louco da aldeia», a comédia em 1 acto «O grande inventor» e havendo um grandioso acto de variedades e baile até de madrugada.

Abrihanta esta festa a «troupe» bandidista «Manuel Gomes» e a actrizinha Irene Martins.

CRISE DE TRABALHO

Bolsa de Trabalho e Solidariedade da Construção Civil

Voltaram ontem a reunir os operários sem trabalho e licenciados das obras do Estado. As comissões de demarques deram contas dos seus trabalhos, constatando a assembleia que o ministro do Comércio ainda não apresentou ao Parlamento a proposta de reforço da verba e a junta autónoma dos Monumentos Nacionais ainda não resolveu reabrir a respectiva obra.

Foi resolvido que as comissões voltassem a entrevistar aquela entidade e caso o assunto não tivesse uma pronta solução se pusesse em prática a resolução tomada há dias.

A sessão continua hoje, às 10 horas.

Grande festa a favor das famílias dos operários presos

E' hoje que se realiza no Ajuda-Club a grande festa a favor das famílias dos presos que constará do seguinte:

Conferência pelo jornalista Mario Domingues.—A emocionante peça da maior actualidade «Os gatinhos da luva branca», pelo aplaudido Grupo Dramático Solidariedade Operária, de que fazem parte os apreciados amadores: D. Elvira Guedes, Joaquim Esteves, Daniel Silva, António Pons, Inácio Marques e Augusto Viegas.—Variedades pelo antigo e brilhante Grupo Dramático Ajuda-Club, de que fazem parte os distintos amadores: Silva Coelho, Linhares Barbosa, Cristóvão Rodrigues, Rogério Barbosa, António Rodrigues, Serafim Gomes e o tenor do mesmo Club, Sales Rodrigues.—Poesias e canções por Jacinto Carreira. A parte musical está a cargo da pianista D. Carmen Carvalho e dos violinistas Silva Coelho e Gustavo José Filipe.

As Associações Mutualistas e o aumento de cotas

AVISO MUITO IMPORTANTE

Uma comissão de sócios das Associações de Socorros Mútuos «Monte-Pio Aliança», «Nova Aliança», «Aliança Universal» e «Onze de Dezembro» convida todos os seus sócios a comparecerem hoje, pelas 20 h 12 horas, na Sede Social, rua da Cruz dos Poiais, 33, a fim de assistirem à assembleia geral e impedirem um novo aumento de cota que se pretende levar a efeito.

Pede-se para que ninguém falte, pois sendo a cota destas Associações uma das mais elevadas, não há razão para tal aumento, a não ser na péssima administração desde 1920 a esta parte, e que as levou a deverem actualmente, *em medicamentos*, a bonita soma de 300 contos aproximadamente!!!

Pela Comissão,

(a) A. Ferreira.

FESTAS ASSOCIATIVAS

No Sindicato dos Descarregadores de Mar e Terra de Almada

Comemorando o 5.º aniversário do Sindicato dos Descarregadores de Mar e Terra de Almada, realizou-se no passado domingo, na sede daquele organismo sindical, uma sessão solene, que foi presidida pelo delegado da C. G. T., e secretária pelos delegados dos Sindicatos da Construção Civil de Almada e do organismo em festa.

Fizeram uso da palavra, saudando a classe de descarregadores de mar e terra e augurando um porvir próspero ao respectivo sindicato, Silva Campos, da C. G. T., Silvino Noronha, da Federação de Transportes Marítimos e Fluviais; Pelagio José Moreira, do Sindicato dos Descarregadores de Mar e Terra; Zacarias de Oliveira Pinho, da Federação Metalúrgica; e Artur Aleixo de Oliveira, da Câmara Sindical do Trabalho de Lisboa.

Por um membro da direcção do Sindicato dos Descarregadores de Mar e Terra foi apresentada a seguinte moção, que a assembleia aprovou:

Considerando que o Alto Comissário de Moçambique, Azevedo Coutinho, está cometendo as maiores tropelias contra uma classe composta por honestos trabalhadores, que querem viver livres;

Considerando que Azevedo Coutinho tem mandado assaltar a altas horas da noite os lares dos mesmos trabalhadores;

Considerando que Azevedo Coutinho tem martirizado aqueles nossos camaradas de trabalho, metendo-os num «vago fantasma»;

Considerando que aquele imbecil deportado para a metrópole um punhado de trabalhadores, pelo crime de serem grevistas, os quais se encontram em precária situação;

Considerando que o mesmo comissário tem fornecido ao ministro das Colónias informações suspeitas, razão por que ainda se encontra ocupando o cargo de Alto Comissário daquela provincia;

Os descarregadores de Mar e Terra, ao comemorarem o seu quinto aniversário, resolvem:

1.º—Protestar contra a permanência de Azevedo Coutinho, em Alto Comissário.

2.º—Reclamar que os deportados voltem o mais rápido possível para o seio das suas famílias.

3.º—Enviar um telegrama ao presidente do ministério, protestando contra todas as injustiças.

No final da sessão foi tirada uma quete em benefício dos presos sociais, que rendeu a quantia de 31\$95.

A Escola Profissional

do Pessoal de Tracção da C. P.

A propósito de um artigo de Carlos Marques, metalúrgico, acerca da Escola Profissional do Pessoal de Tracção da C. P., que publicámos anteontem, trouxeram-nos o seguinte protesto que lealmente inserimos:

«... Sr. Director do jornal A Batalha.—Uma comissão de maquinistas da C. P. vem solicitar de v. a publicação do seguinte:

Tendo lido no número 2242, do seu jornal de 25 de Março corrente, um artigo sob a epigrafe «A Escola Profissional do Pessoal de Tracção da C. P.», vimos por este meio protestar contra as afirmações feitas pelo signatário do mesmo.

Temos a dizer a v. que a dita escola foi criada por maquinistas e fogueiros, que desejam instruir-se mutuamente. Mais informamos a v. que nem o Conselho de Administração da C. P., nem o Sr. Carlos Parreira foram procurados para a fundação desta escola. Temos mais a dizer-lhe que o Sr. Carlos Parreira é por todos nós considerado digno do cargo que exerce, não se dando o caso de ser analfabeto nem intruso como o signatário do aludido artigo afirma. Mas se este se encontra com mais aptidões do que o Sr. Carlos Parreira, nós agradeceremos-lhe uma visita à escola para ouvir algumas instruções no dia que ele determinar.

Agradecendo a v. a publicação desta, etc.,—Frederico Martins, Alfredo Simões, Joaquim Teixeira, M. J. Cardoso, António Martins, Onofre dos Santos, Domingos Viseu.

Secção Telegráfica

Federações

JUVENTUDES SINDICALISTAS

Aos Núcleos.—Enviei o mais depressa possível o número de jovens filiados.

Núcleo do Porto.—Recebemos officio de dinheiro.

Aos Núcleos.—Enviei o número de jovens filiados, o mais depressa possível.

José dos Santos.—E' favor passares hoje, às 20 horas, pela Federação.

CONFERÊNCIAS

«Rússia Soviética», pelo professor César Porto

Na Associação dos Trabalhadores de Mar, de Setúbal, onde está instalada a secção da Universidade Popular Portuguesa, realizou o professor César Porto, no passado domingo, a anunciada conferência subordinada ao tema «Rússia Soviética».

O conferente começou por afirmar não ser possível, mesmo a quem, como ele, visitou a Rússia, dar uma ideia exacta da vida actual desse povo, impondo-se-lhe no entanto o dever de propagar o resultado das suas observações, opondo um desmentido a alguns informes dum parte da imprensa burguesa que deturpa a verdade, ao sabor das suas conveniências.

Em virtude de um convite do governo russo ao professorado de diversos países, visitou a Rússia como professor, interessando-o de preferência o problema da educação, não deixando contudo de anotar as suas observações sobre o estado geral da Rússia Soviética.

Em geral confunde-se a vida política com a vida social. A Rússia adoptou um regime político com algumas variantes. Assim, nas votações, tomam parte apenas as classes produtoras, tendo sido excluídos desse direito os sacerdotes e todas as castas parasitárias que estão fora da vida política.

Não é um regime democrático. Só existe na Rússia, um partido, o único que pesa na vida política: o Partido Comunista.

Não há mesmo probabilidades de se formarem outros partidos, o que seria inútil, pois que, as suas ideias não vencem, em virtude das ideias marxistas, profusamente espalhadas e aceites por uma grande parte do povo.

Há que atender à psicologia desse povo, que, habituado à autocracia tsarista, se amoldou a uma autocracia das classes que constituem o Partido Comunista.

E' esta a ordem política, que difere do ocidente, se aqui uma convulsão igual nos tivesse agitado, já pela psicologia do povo, já pelas condições geográficas.

Quanto ao estado social da Rússia, refere-se aos fustamentos e prisões relatados pela imprensa, atribuindo esse facto ao descontentamento dos elementos avançados, que os comunistas reprimem energicamente, receando que uma nova revolução, uma vez gorida, os faça voltar ao passado.

Afirma que, pelo menos no momento da sua visita, nada viu desses acontecimentos, tendo o governo posto ao dispor da delegação, qualquer ponto da Rússia que esta quisesse visitar, tendo atravessado o país até ao Cáucaso, constatando que o sossego era quasi absoluto.

Crê que no momento da agitação mundial em que foi feita a revolução, ela não podia ter um idealismo mais vasto.

O comunismo expropriou a burguesia, deixando aos pequenos proprietários agrícolas as suas «isbas», repartindo as terras pelos camponeses. Desta preparação, nasceu um pouco o caos, a fome pavorosa que dizimou em parte as populações afastadas do centro do país. Pouco a pouco a vida social normalizou-se.

Hoje 50 por cento das empresas industriais estão a cargo do Estado, e a outra parte às cooperativas que formam uma nova burguesia, pela qual a delegação foi muito bem recebida. Convém notar que essa burguesia não tem interferência na vida política, da qual se encontra afastada pelo Partido Comunista.

O problema económico ressentia-se do facto da classe camponesa se desinteressar um tanto do cultivo, por não ter ainda a certeza de ficar na posse definitiva da terra que lhe foi distribuída.

Lénine sentindo que a classe camponesa pesa bastante na balança económica da Rússia, firmou nela o seu poderio, lutando pelo seu desenvolvimento. As máquinas agrícolas invadiram os campos, tendo visitado fábricas de material agrícola que em breve devem transformar a agricultura.

A par destas transformações de carácter económico, diz que os russos contam oportunamente fazer a transformação social. Se o que há feito é pouco, devemos atender que as transformações económicas não se fazem como as políticas.

Analisando o problema educativo, diz que o governo russo se preocupa extraordinariamente com a educação, procurando dar ao operário uma educação completa de forma a interessá-lo na vida pública. A princípio os governantes lutaram com dificuldades porque os técnicos debandaram, tendo de contratar estrangeiros. Diz o conferente que a pesar de não ter visitado todo o país, no entanto, está absolutamente convencido que as escolas são em número colossal, pois que a delegação escolheu livremente os pontos que desejou visitar e em todos constatou este facto. Embora intercalando no ensino as ideias marxistas, as escolas são bem montadas, com excelente material pedagógico e providas de cantinas.

Encontrou grande número de Universidades populares, notando o entusiasmo do público que compreendeu que era preciso produzir e que o futuro da Rússia está na educação. Para reforçar esta afirmação diz que na Geórgia e na Ucrânia 50 % das receitas públicas são destinadas à educação.

Voltando a falar sobre a anormalidade da Rússia, tão apregoada no estrangeiro, julga que se o governo russo não contasse com o sossego não o teria recebido. Notou, é certo, o afastamento de pessoas que desejavam falar à delegação e alguns edifícios destruídos, bem como algumas estações de caminho de ferro, que os informadores oficiais atribuíram a uma revolta de mencheviques, que é uma casta conservadora.

Em matéria de ensino ficou satisfeito. Quanto ao resto, acha que na Rússia há os que estão bem e os descontentes, que em seu entender podem teoricamente defender-se.

Nas sociedades não se pode, conforme a tradição e o temperamento, saltar rápido. Foi necessária esta fase, embora venha a evoluir. No período da guerra a Alemanha, desejando afastar um adversário, ajudou a revolução e teve a palavra Lénine, que não foi mais longe, porque não tinha ambiente, nem a Rússia tinha desenvolvimento por mais. Assim, encontramos ainda reminiscências do passado como os mendigos e a prostituição que os governos têm deixado perdurar, preocupados talvez com outros problemas. Em compensação viu boas casas de repouso e clubes educativos bastante animados. Crê ter dado uma ideia do que é actualmente a vida russa.

O conferente, ao terminar a sua exposição, foi muito aplaudido.

AS GREVES

A dos descarregadores de peixe da Sociedade Comercial de Pescarias

Na sede do Sindicato dos Descarregadores de Mar e Terra, reuniu a Secção do Peixe a fim de apreciar o conflito suscitado na Sociedade Comercial de Pescarias.

Fizeram uso da palavra vários dos presentes que condenaram acrememente o procedimento de Francisco Guerreiro, único culpado deste conflito.

O delegado da classe disse que está convencido de que este conflito gira em volta de interesses inconfessáveis, pois trabalhando o pessoal de empreitada não vê motivo para o sr. S. Viana dispensar do serviço cerca de 70 camaradas, que há muito tempo trabalham nas descargas do peixe.

A assembleia resolveu: editar um manifesto elucidativo das causas do conflito, que se solicitasse da direcção do Sindicato o patrocínio desta questão e que a partir do dia 29 se não metesse carvão nos barcos de pesca.

NO ESTRANGEIRO

Construção civil francesa

HAVRE, 26.—Os operários da construção civil do Havre, em greve desde 20 de Fevereiro, retomaram o trabalho nas antigas condições.—H.

SAINT-ETIENNE, 26.—A greve dos estuadores e pintores prossegue sem incidentes. Os pedreiros declararam-se também em greve e outras especialidades da construção civil dispõem-se a seguir o movimento.—H.

PROPAGANDA SINDICAL

Trabalhadores rurais de Borba

BORBA, 23.—O passado dia 21 foi de festa e de propaganda para os trabalhadores rurais de Borba. Antigamente era costume realizar-se naquele dia a procissão chamada do Senhor dos Passos. E já o ano passado, pela influência da respectiva associação, essa procissão deixou de fazer-se, pois foi substituída por um comício público de propaganda sindicalista, coisa que aterroizou os burgueses da vila, fazendo-os fugir dali.

Compreenderam os trabalhadores que quando se suprime uma coisa que de algum modo satisfaz o sentimento tradicional do povo, outra é necessária para a substituir, por forma que o tédio não sobrevenha e com ele a saúde, que, neste caso, é portadora do desejo dum retorno ao passado, desejo que, na verdade, está sendo alimentado por todas as forças da reacção, especialmente nas localidades onde o espírito religioso da Igreja Romana tinha perdido mais féis.

Tendo a Associação dos Trabalhadores Rurais adquirido sede própria resolveu festejar esse facto por uma forma digna, procurando aliar o útil ao agradável.

No dia 20 promoveu uma interessante palestra sindical revolucionária, tendo sido orador o camarada António Tomás, de Évora. E no dia 21, depois dum alvoroço ruído, promoveu um cortejo operário, consideravelmente concorrido, no qual tomaram parte, com as suas bandeiras e fachas alegóricas, as Associações de Trabalhadores Rurais de Santo Aleixo, Vila Viçosa, Terrugem e Vila Boim, Núcleo da Juventude Sindicalista de Terrugem, grande número de crianças, a Filarmónica de Extremoz, etc.

Depois realizou-se um comício público de propaganda, no qual falaram representantes da Federação dos Trabalhadores Rurais e da C. G. T.

Seguiu-se um excelente concerto musical no coreto municipal pela Filarmónica de Extremoz, que deixou as melhores impressões.

A' noite o camarada M. J. de Sousa realizou uma palestra de carácter revolucionário e educativo na sede da Associação, enormemente concorrida, não faltando o elemento feminino, ao qual o conferente dedicou parte das suas considerações educativas.

Seguiu-se ainda uma interessante quermesse, cujo produto se destinou a auxiliar as despesas feitas com a brilhante festa operária, que tanto contribuiu para manter uns momentos de cor-deal e franca alegria e para fazer-se uma larga e proveitosa sementeira de ideias.—E.

SOLIDARIEDADE

Pró-Jacinto Estrela

Realiza-se amanhã, às 16 horas, a festa em favor de Jacinto Estrela. A comissão previne os interessados que o programa foi aumentado com o episódio dramático «Conversaria», de autoria de Alfredo Paiva.

—Em favor de Joaquim Charruco, que se encontra bastante doente, foi aberta entre os seus colegas do Matadouro Municipal uma quete que rendeu 75\$800. A comissão promotora da quete agradece a todos os contribuintes o auxílio que prestaram ao enfermo.

A Federação Ferroviária e a greve dos ferroviários de Lourenço Marques

A comissão executiva deste organismo esteve ontem novamente na presidência do ministério e no ministério das Colónias protestando contra as violências cometidas pelo Alto Comissário de Moçambique, reclamando a rápida solução do conflito e o regresso dos deportados de Lourenço Marques, garantindo a todos os grevistas as suas antigas regalias. A referida comissão entregou dum nova exposição onde se celata desenvolvimentos os factos atrás fitados.

Febre tifoide

Segundo a nota apresentada ao Conselho Superior de Higiene na sessão de 23 do corrente, foram em número de 33 os casos declarados de febre tifoide na semana, contra 45 na anterior. No hospital do Rêgo há 55 doentes.

Vida Sindical

COMUNICAÇÕES

Pessoal da Exploração do Porto de Lisboa.—Na sua última assembleia protestou contra uma ordem do inspector dos serviços da Exploração, sr. Afonso de Macedo, pela qual o pessoal do tráfego da mesma Administração é obrigado a tirar folha de registo criminal. Uma comissão fez ciência à assembleia, que esteve regularmente concorrida, de que após várias «demarches» junto do referido inspector e chefe do tráfego, sr. Mesquita, aqueles senhores resolveram que a ordem que obriga a tirar folha corrida, em vista de onerar o pessoal, fosse modificada. O pessoal apenas deverá tirar a folha de registo criminal ou policial. Não se conformando o pessoal com esta resolução deliberou que a comissão de melhoramentos procure entrevistar o sr. administrador hoje, a fim-de lhe fazer sentir quanto o pessoal se encontra descontente em face da referida ordem, e pedir a anulação da mesma, porquanto os 25 a 30 anos de serviço na Administração da maior parte dos visados, é garantia suficiente do seu comportamento. Também foi deliberado que o sindicato assinasse o jornal *A Batalha* e seu suplemento semanal.

Moços de Fretes.—Reuniram ontem em assembleia magna os Moços de Fretes, com numerosa concorrência. Deliberaram apresentar ao Governador Civil uma reclamação, tendente a actualizar as tabelas e a dividir a cidade em zonas. Houve larga discussão sobre o assunto mostrando a classe o maior descontentamento pela situação crítica que atravessa.

Depois da ordem dos trabalhos, fez uma preleção o camarada Mariano Pereira, que alargou as suas considerações no sentido da classe se organizar e marcar uma tendência consentânea com as modernas aspirações sociais, que indicam ao homem o caminho da sua completa emancipação. Fez outras considerações, ouvidas em silêncio pela assistência.

Sindicato dos Empregados no Comércio e Indústria.—Reuniu a comissão administrativa que entre outros assuntos apreciou as circulares 55 e 56 da C. G. T.

Sobre a segunda resolveu dar o seu apoio ao parecer sobre a diminuição da cotização das mulheres e menores de 17 anos sem contudo este Sindicato se aproveitar de tal concessão.

Apreciou-se o andamento dos trabalhos da comissão de melhoramentos sobre o horário de trabalho, descanso semanal e carroças de mão.

Foram aprovados novos sócios.

S. U. da Construção Civil.—Secção dos Serventes.—A assembleia geral aprovou uma proposta de protesto contra a propalada demora em julgar os operários que foram enviados para África sem julgamento.

CONVOCAÇÕES

Federação Ferroviária.—Comissão executiva.—Pelas 19 horas, com a presença de todos os componentes.

Manufactureiros de Calçado.—Hoje pelas 21 horas, a assembleia geral.

DIAS PROXIMOS

S. U. Metalúrgico.—Para assunto de alta importância reúnem-se na próxima semana-feira, pelas 20,30 horas, os militantes e simpatizantes da classe.

S. U. da Construção Civil.—Secção de Belém.

Reúne na próxima segunda-feira, pelas 17 horas, nesta secção, todos os operários que trabalham nas obras das casas económicas da Ajuda para tratarem de um assunto importante.

Pintores da Construção Naval e Anexos.—Em virtude do pedido de demissão de alguns membros da direcção vai reunir no dia 31 do corrente para nomeação de outros camaradas para os substituir.